

# *A MONTANHA MÁGICA*: FORMAÇÃO E FORTUNA DE HANS CASTORP<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p163-182>

**Francisco José Ramires**

Universidade de São Paulo (USP) /  
Universidade Paulista (UNIP – São José dos Campos)

## RESUMO

O objetivo deste ensaio é refletir sobre o livro *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, como romance de formação. Se, por um lado, ele se tornou um clássico literário que vai além das fronteiras e do tempo, por outro, em sua concepção, pode ser interpretado no passo a passo de diálogos graças aos quais as escolhas do autor podem ser apreendidas. No recorte analítico aqui feito, destacam-se Schopenhauer e Nietzsche como interlocutores importantes para a construção e a concepção de formação subjacente ao livro, num momento crítico da história alemã e europeia.

## ABSTRACT

*The aim of this essay is to reflect on the book "The Magic Mountain", by Thomas Mann, as a bildungsroman. If, on the one hand, it has become part of a literary canon that goes beyond borders and time, on the other, it can be interpreted in its conception on the face of dialogues thanks to which the author's choices can be apprehended. Schopenhauer and Nietzsche stand out as important interlocutors for the construction and conception of formation underlying the book, published at a critical moment of the German and European histories.*

## PALAVRAS-CHAVE:

Sociedade;  
Romance de formação;  
Thomas Mann;  
Literatura.

## KEYWORDS

Society;  
Bildungsroman;  
Thomas Mann;  
Literature.

---

<sup>1</sup> A elaboração deste artigo sustenta-se em uma imensa gratidão aos amigos que formaram e fazem parte do grupo de leitura e discussão chamado Classicando, de São José dos Campos. Amigos que aceitaram a indicação do romance de Thomas Mann. No decorrer dos encontros, reinventamos o verbo subir como sinônimo do ato de ler "A montanha mágica". Aos amigos Carla, Rodinei, Hilda, Paulo, Giselle, Diva e a meu amor, Helen, muito obrigado pela companhia durante a caminhada livro acima!

*Agora se nos abre, por assim dizer, a montanha mágica do Olimpo e nos mostra as suas raízes. O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos deuses olímpicos.*

Friedrich Nietzsche

**A**os olhos de Nietzsche, a "montanha mágica" olímpica permitia ao grego antigo persistir na vida, a despeito de seus horrores e contratempos, capazes de vergar a espinha e partir o espírito do mais forte entre os homens. Um mediador mítico, farol em meio ao mar revolto da existência. Em Mann, a montanha não é exatamente mediação. É a travessia do herói, Hans Castorp, mas também uma obra que, desde o início, o próprio *métier* literário está em questão, como tema de reflexão num dado momento da história. A subida de Castorp aos alpes pareceria uma elevação aos píncaros, num movimento semelhante à comédia de Dante, do inferno ao firmamento. Entretanto, ironicamente, a ascensão do personagem nada mais é do que um emaranhar-se mais e mais no mundo, resplandecente em seu desencantamento. Referindo-se ao sanatório Berghof, talvez seja apropriado afirmar: "Isso é o teu mundo. Isso se chama um mundo!"<sup>2</sup>. E o processo de crescimento e educação se dá justamente no encontro com o mundo<sup>3</sup>. Está em jogo a formação e sua forma romanesca.

Logo na abertura está dada uma das linhas da tessitura da obra de Thomas Mann: narrar a vida de Hans Castorp e seu estranho envelhecimento, que não segue exatamente o passo a passo dos anos. Há um acúmulo de situações e vivências que forjarão seu espírito em um período relativamente curto. O romance é longo e denso, pleno de ambivalências que fazem parte de sua arquitetura literária<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 69.

<sup>3</sup> ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 204.

<sup>4</sup> KUSCHEL, Karl-Josef; MANN Frido; SOETHE, Paulo Astor. **Terra mátria**: a família de Thomas Mann e o Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 77; 79.

A evocação da referência mitológica (via filosofia), transfigurada em material ficcional, produz desconforto, tendo em vista que o leitor fica diante de um romance cujo ponto de fuga não é propriamente o real<sup>5</sup>, refratado pela ironia, pela linguagem, pelo ato criativo. A montanha é uma imensa invenção estética. E não é a vida de Castorp em sua totalidade que está em questão. O herói não é acompanhado desde o nascimento até o túmulo e os sucessos de sua existência não são urdidos segundo um princípio unívoco de sentido ou propósito. A morte plena de vida, evocada por Max Weber, referindo-se a Abraão, não seria experimentada pelo jovem personagem, se nos fosse dada a chance de ler seu fim. Entretanto, esse romance de educação e instrução é denso o suficiente para sentirmos que a formação embebe o espírito de Castorp em um processo civilizatório de grande envergadura. O romance ainda é mais contundente, em termos da ambição que o enforma, na medida em que a crise desse mesmo processo civilizatório é outra entre as linhas que entram no emaranhado estilístico do livro. Um emaranhado no qual os personagens são mergulhados, do qual são partes constitutivas, deixando marcas no mais recôndito de seus seres. Formar-se é tomar parte na história. Narrar é tentar apreendê-la em seus sucessos e infortúnios, progressos e golpes. É disso que se trata.

O narrador é a força apolínea que dá forma e substância ao romance e impele o jovem Castorp para longe de sua terra natal, Alemanha. Torna-se ele um estrangeiro, cuja formação será entrelaçada a um dos grandes temas das tradições literárias: a viagem. Ao fim da saga, o eu-lírico devolve o herói ao país de origem, selando, dessa feita, uma estranha reconciliação com sua terra, já mergulhada na Grande Guerra. Um regresso enviesado ao lar. Ao fim, trajando o fardamento militar, Hans Castorp ajusta-se ao *habitus* militar alemão<sup>6</sup>, engendrado no decorrer de um longo processo histórico-social de construção do Estado nacional. A despeito do aprendizado propiciado nos alpes e da vontade do personagem, Castorp parece atado a forças que se sobrepõem à sua vida, lançando-o, de chofre, nas grandes questões do tempo, na tempestade da história. É possível formar-se no torvelinho de uma crise sem precedentes? É possível narrar (em) um momento de tal monta? Não à toa, Soethe se refere ao romance a partir de sua “materialidade ‘orgânica’” e o leitor é desafiado a lê-lo “como quem se depara com um quadro, um objeto no espaço”<sup>7</sup>.

A montanha, o itinerário de Castorp e as relações por ele ali travadas são o espaço ficcional que expressa a envergadura do trabalho

<sup>5</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003, p. 60.

<sup>6</sup> ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

<sup>7</sup> SOETHE, 2017, p. 835.

imaginativo de Mann, pelo qual a produção da forma constitui um ato político propriamente dito<sup>8</sup>. Ato que requer do esteta um olhar que transite entre realidade e ficção, história e mito, tradição literária e renovação contemporânea, literatura e filosofia, arte e ciência, com todas essas linhas de força tomando parte na trama do romance. Esse complexo trançado torna o *Berghof* um símile de espaço público onde a apreensão da realidade requer a coexistência de ângulos diversos, pontos de vista distintos que não podem ser o mero prolongamento do mundo familiar<sup>9</sup>. Para adentrá-lo, é preciso se distanciar do lar. Nesse romance, Mann parece internalizar o princípio do espaço público na constituição da forma romanesca, ao mesmo tempo em que a circulação e a leitura de uma obra assim teriam potencial para estimular o debate público em seu tempo.

“A Montanha Mágica” (1924) pode ser interpretada como um romance de formação, cuja estrutura corresponde a uma certa concepção romanesca típica do gênero. Segundo Lukács<sup>10</sup>, “O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência”. No decorrer da leitura, a jornada de Hans Castorp é oferecida aos leitores em seu processo de crescimento, mas, sobretudo, no que diz respeito aos momentos e experiências decisivos que vão entrar na constituição de seu caráter, construído a partir dos laços que o vinculam aos seus amigos e familiares, mas também àquilo que significa ser alemão e europeu às vésperas de um momento crítico de sua história.

Formar-se é tornar-se cidadão. Por um lado, há a individualidade, mesmo que sem contornos nítidos (como o próprio tempo), mas também a história, e ambas são partes do mesmo emaranhado estilístico. Biografia e “longue durée”. Um labirinto que, ao fim, deixa o leitor diante do corte seco do eu-lírico, que se recusa a perseguir os passos do personagem, já mergulhado na Grande Guerra. Nesse momento, é o próprio ofício do escritor que fica sob suspeita, seja porque os fundamentos sociais da formação perdem os lastros capazes de manter seus possíveis sentidos, seja porque o próprio autor se cala ante o desafio de narrar os fatos e efeitos daquele conflito bélico, quicá antecipando a tese de Alfred Schutz, em seu texto sobre “Aquele que retorna ao lar”, e de Benjamin, acerca dos “combatentes que tinham voltado silenciosos do campo de batalha”<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> DAYAN-HERZBRUN, Sonia. Thomas Mann: um escritor contra o nazismo. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 20, n. 1, p. 71-86, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31731997000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731997000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 ago. 2018.

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000, p. 67.

<sup>10</sup> LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo, Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 91.

<sup>11</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da**

Paradoxo expresso e discutido por Adorno: um tempo em que não se podia mais narrar, mas o romance exige a narração<sup>12</sup>. Mann exigia isso de si mesmo.

Narrativa e tempo. No livro, o tempo não é usado apenas como elemento narrativo estruturador dos sucessos ocorridos na vida do jovem Castorp. É, sobremaneira, parte indissociável da trama como um todo, particularmente no que diz respeito aos efeitos psicológicos dele derivados, aos conhecimentos que nos permitem pensá-lo como objeto e às condições sociais de existência (individual e coletiva) que lhe servem como substrato minimamente sólido, suportando interpretações e explicações. “O tempo, por mais enfraquecida ou aniquilada que esteja a sensação subjetiva que se tem a seu respeito, possui uma realidade objetiva, enquanto age, enquanto ‘traz consigo’”<sup>13</sup>. Não há formação sem ele, o tempo, figurado no romance como “objeto” esquivo, oscilando entre algo etéreo e objetivo, mas também ancorado em experiências. Narrar é dar conteúdo ao tempo<sup>14</sup>. “A *montanha mágica* permite lembrar de que maneira, também entre nós, o tempo e a história são matéria de negociação: ambíguos em sua compreensão, múltiplos nos desenlaces, vários enquanto representação”<sup>15</sup>.

Mas o que é a formação e que soluções Thomas Mann construiu para representá-la no campo literário? Eis uma citação de Waizbort<sup>16</sup>, a servir como parâmetro para o início da discussão:

Ambas, personalidade e formação estão vinculadas em uma relação de mútua determinação. A ideia de personalidade supunha uma formação, assim como a formação depende da personalidade. Personalidade supunha formação por ser justamente o resultado de um processo formativo, no qual o indivíduo, ao longo do tempo, adquire um patrimônio interior mais amplo, mais diferenciado e mais profundo. Por outro lado, a formação, cujo

---

cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 115.

<sup>12</sup> ADORNO, 2003, p. 55.

<sup>13</sup> MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 605. Para uma análise mais detida acerca do tempo na composição do romance em questão, cf. RODRIGUES, Menaldo Augusto da Silva. RODRIGUES, Menaldo Augusto da Silva. “A representação do tempo no romance *Der Zauberberg* de Thomas Mann”. Dissertação apresentada à FFLCH/USP, São Paulo: 2008.

<sup>14</sup> MANN, 1980, p. 601.

<sup>15</sup> SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo: n. 72, p. 119-135, July 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200007&lng=en&nrm=iso)>.

Acesso em: 31 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000200007>.

<sup>16</sup> WAIZBORT, Leopoldo. Formação, especialização, diplomação: da universidade à instituição de ensino superior. *Tempo Social*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 45-74, Dec. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702015000200045&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702015000200045&lng=en&nrm=iso)>.

Acesso em: 28 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-2070201523>.

sujeito e suporte é o indivíduo, depende da personalidade ao mobilizar aquela diferenciação, amplitude e profundidade em uma espécie de conversação coletiva, em um processo complexo de circularidade e de determinação mútuas, em que formação e personalidade vão se incitando e aprofundando uma à outra ao longo do tempo, em um processo sem fim. Uma modalidade muito importante dessa conversação foi a instituição de ensino e a universidade, e os círculos de sociabilidade daí advindos tornaram-se seus mecanismos de reprodução por excelência. A conversação, ou seja, as formas de comunicação que estão no âmago do processo formativo, possibilita que o desenvolvimento da personalidade não se confunda com qualquer espécie de solipsismo ou enclausuramento, mas se abra para a multiplicidade das formas de existência e pensamento e, com isso, "se forme".

Waizbort situa a formação como fato típico do século XIX. Ressoa aqui uma hipótese de Simmel, radicada na "pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida"<sup>17</sup>. O indivíduo em busca de sua singularidade. Dayan-Herzbrun cita trecho de uma correspondência em que Mann deixa registrada a ideia de que "A montanha (...)" é um romance educativo em que "a experiência da enfermidade e da morte leva um rapaz a conceber a ideia do homem e do Estado"<sup>18</sup>.

Pelo cotejamento entre Mann e Waizbort, uma distinção deve ser realçada: se este destaca a escola e a universidade como instituições e espaços importantes de sociabilidade no processo de formação de um indivíduo, Thomas Mann desloca o cerne da formação de Hans Castorp para fora dos espaços formais de educação. Para quem, quando, no capítulo II da obra, a sequência de mortes de seus pais e de seu avô, segundo o autor, terá grande impacto na vida do personagem, sedimentando-se como fatos que ficarão encravados em sua psique. Esta, por sua vez, será ativada de quando em quando em outros momentos do romance, em forma de reminiscências avivadas e reelaboradas em retrospectiva. Mas, sobretudo, para além das instituições de ensino, na medida em que o escritor, não sem grande dose de ironia, situará os passos decisivos da formação do jovem Castorp em um sanatório, nos longínquos alpes de Davos-Platz, Suíça. Aí, sim, Mann volta a combinar com Waizbort, tendo em vista que são precisamente as conversas lá transcorridas que serão o ato em si da formação, em sua gênese dialógica.

<sup>17</sup> SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*. Rio de Janeiro. v. 11, n. 2, p. 577-591, Oct. 2005.

Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=en&nrm=iso)>.

Acesso em: 03 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.

<sup>18</sup> MANN, Thomas, apud. DAYAN-HERZBRUN, 1997.

A formação tem a ver com atos da fala e retomamos aqui a discussão de Hannah Arendt acerca de como a realidade e sua apreensão dependem da visão e audição dos indivíduos em público<sup>19</sup>. Será no confronto com personagens diversos que Hans Castorp, longe de casa, pouco a pouco, irá se transformando sob o escrutínio dos leitores. Mas no jogo de sutilezas empregado por Mann, novamente, há um afastamento em relação aos elementos constitutivos da formação, ao menos segundo Waizbort: a "abertura" de Castorp se dá, paradoxalmente, na clausura de um sanatório, a partir daquilo que Mann chamará de "pedagogia hermética". Em um ensaio sobre Goethe, ele retoma a ideia de educação como passagem do mundo interior para a vida social<sup>20</sup>. Nos termos de Arendt, transição da esfera privada para a pública.

De certa forma, o sanatório funciona, no texto, como um microcosmo (a montanha) deslocado em relação à Europa real (a planície). Desta, poucas são as informações que chegam, na medida em que são raros os personagens interessados nos fatos políticos e econômicos do continente. Essa duplicação é crucial para criar um espaço ficcional com suas próprias regras quanto à relação entre os personagens, ao tempo e às transformações corporais e psíquicas de quem vive dentro da instituição. Trata-se da representação literária propriamente dita, "status irreal da experiência temporal ficcional<sup>21</sup>". Um arranjo pelo qual Mann também se afasta de um padrão típico dos romances em seu nascimento. Se "os leitores nos últimos dois séculos têm encontrado no romance a forma literária que melhor satisfaz seus anseios de uma estreita correspondência entre a vida e a arte"<sup>22</sup>, tais parâmetros (espaciais e temporais) são quase inexistentes em "A Montanha Mágica", que termina por exigir mais de quem o lê, tanto em termos de fôlego como no que concerne ao repertório necessário à interpretação. Thomas Mann criou uma obra na qual ficam sob espessa névoa as balizas que permitiriam ao leitor apreciar o romance a partir de aproximações com o tempo e os marcos geográficos ali referidos. Talvez o "encantamento" expresse as incertezas que efetivamente pairavam no ar nos momentos imediatamente antecessores da guerra.

Hans Castorp faz uma viagem da planície à montanha pouco antes de concluir sua instrução técnica como engenheiro naval e iniciar um estágio que lhe permitiria entrar no mundo do trabalho propriamente dito. Nesse momento, ele tem seus vinte e tantos anos. Aí tem início sua formação: toda a trama da história parte dos efeitos psíquicos que a

<sup>19</sup> ARENDT, 2000, p. 60.

<sup>20</sup> MANN, Thomas. *Goethe como representante da burguesia: um ensaio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

<sup>21</sup> RICCEUR, Paul. *Temp et récit 3. Le temps raconté*. Paris: Éditions du Seuil, 1985, p. 230.

<sup>22</sup> WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 25.

jornada pode ter sobre os indivíduos. Castorp é levado para longe do ambiente familiar, onde terá a chance de defrontar diversidades e adversidades da existência, travando relações com pessoas provenientes de vários países europeus e de outras partes do mundo. Rompe os vínculos de proximidade geográfica com a cidade natal e com a família (o que restou dela após mortes sucessivas) e, assim, individualiza-se. Sem grandes peias emocionais, tem condições e mais facilidade de partir.

Qual o motivo aparente da viagem? Ir ter com um primo (Joaquim) internado no Berghof, que, a princípio, após o tratamento, poderia regressar ao lar em três semanas. Mas não é apenas isso que está em jogo. A despeito de estar no limiar da conclusão de um curso universitário, o autor qualifica Castorp como um rapaz “mimado e franzino”. Há um trecho longo, mas precioso para se entender o momento em que a ida ao sanatório se dá:

Durante as férias, costumava regressar muito asseado, muito bem vestido, com um bigodinho ruivo no sonolento rosto de jovem patricio, e evidentemente a caminho de uma posição respeitável. E as pessoas que se ocupavam de questões municipais e também eram entendidas em assuntos de família e de vida social – como é o caso de quase todos, numa cidade livre e autônoma –, esses seus concidadãos, examinando-o criticamente, perguntavam-se que papel oficial o jovem Hans Castorp chegaria a desempenhar no futuro. Havia uma tradição a seu favor; seu nome era antigo e de boa reputação; e mais cedo ou mais tarde – isto parecia quase certo – seria preciso contar com a sua pessoa como fator político. Então teria um lugar na Assembleia ou no Conselho Municipal e influiria na legislação; no exercício de um cargo honorífico, participaria das preocupações que acarreta a soberania; pertenceria a alguma repartição administrativa, à comissão de finanças talvez ou à de obras públicas, e sua voz não deixaria de ser ouvida e levada em conta. Até seria interessante saber a que partido se filiaria, mais tarde, esse jovem Castorp. As aparências podiam enganar, mas ele não tinha, propriamente, a cara duma pessoa com a qual os democratas podem contar. Era evidente a semelhança com o avô. Quem sabe se não puxaria a este, tornando-se um travão, um elemento conservador? Era muito possível, como também era possível o contrário. Afinal de contas, tratava-se de um engenheiro, futuro construtor de navios, de um homem da técnica e do tráfego universal. Assim se ventilava a outra alternativa de Hans Castorp: unir-se aos radicais, chegando a ser um homem de ação, destrutor profano de edifícios antigos e belas paisagens, sem raízes no solo pátrio, qual um judeu, e sem laços de tradição, qual um ianque; talvez preferisse romper desconsideradamente com aquilo que uma veneranda história nos transmitiu, e arrastar o Estado para um caminho de audaciosas experiências, em vez de promover o desenvolvimento circunspeto das condições naturais de vida. Também isso era admissível. Estaria no seu sangue a convicção de que Suas Excelências, prudentes e sábias, às quais a dupla sentinela da Municipalidade apresentava armas, administravam tudo da melhor maneira possível, ou se inclinaria a apoiar a oposição na Assembleia?

Naqueles olhos azuis sob as sobrancelhas ruivas não se podia ler nenhuma resposta a essas perguntas que a curiosidade dos seus concidadãos fazia, e parece provável que nem o próprio Hans Castorp, uma folha em branco, teria sabido satisfazê-la<sup>23</sup>.

A viagem à Suíça é um indicador típico da posição social ocupada por Hans Castorp, símile do que efetivamente ocorria na Alemanha de então. Uma pista sobre isso pode ser encontrada num texto memorialístico de Jung, referindo-se aos jovens com quem passou a conviver ao ingressar num ginásio da Basileia. O efeito da comparação entre sua própria vida e as daqueles novos companheiros permitiu-lhe tomar ciência de suas origens familiares. Jung descobria-se pobre, em termos materiais. E os habitantes que estavam à vontade no “grande mundo” são muito semelhantes ao jovem Castorp, no que diz respeito a atributos sociais: fala francês e desfruta de uma herança provinda de seus pais, que lhe permite o luxo de não ter de se sujeitar ao trabalho para garantir sua sobrevivência. Isso graças à aplicação financeira da herança e à sua administração, realizada por um tio-avô. Castorp não é um proletário, alguém que tem de viver do próprio trabalho. Thomas Mann não o era. Eis o trecho em questão:

Ingressei no “grande mundo”, naquele mundo de pessoas bem mais poderosas do que meu pai: moravam em casas amplas e imponentes, tinham caleches tiradas a cavalos magníficos e falavam alemão e francês com distinção. Seus filhos, bem-vestidos, refinados, traziam bastante dinheiro no bolso e eram meus colegas de classe. Cheio de admiração e com uma inveja secreta e terrível, fiquei sabendo que eles passavam as férias nos Alpes, nas montanhas nevadas e resplandcentes de Zurique e que já tinham até mesmo estado à beira-mar, o que era o máximo! Considerava-os seres de outro mundo, nascidos daquela maravilha inacessível que são as montanhas rutilantes de neve, daquelas distâncias infinitas do mar, e que a minha imaginação não podia abarcar<sup>24</sup>.

À luz da recordação de Jung, a viagem de Hans Castorp obedecia à rotina das pessoas e famílias abonadas. Não há nada fora dos comportamentos e trajetórias típicos da época, graças ao status e ao poder econômico provindos de berço. Óbvio que ele não ruma para os locais clássicos do turismo na Suíça, ainda que tais viagens e suas “banalidades” entrem na composição do romance, bem mais adiante. Aqui, há uma pista, como hipótese interpretativa, da escolha feita por Thomas Mann para narrar a vida de seu personagem: Hans Castorp vai ao Berghof porque não parece convicto (ou apto) quanto à exigência de ajustar seus pensamentos e suas condutas ao rol de possibilidades dadas por sua

<sup>23</sup> MANN, 1980, p. 45-6.

<sup>24</sup> JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 53.

condição, por sua família, numa determinada cidade alemã. Tal ajustamento não é algo simples. O que está em jogo? Ser capaz de levar adiante o legado da família, responder às expectativas nascidas no seio de todos que o circundam, desde pequeno, e às exigências da posição social ocupada. Se alguém recebe uma herança, é preciso estar pronto para assumi-la, de corpo e alma. Uma herança é também um fato moral e não apenas econômico. Uma chamada às exigências da vida adulta.

Mas essa condição social (e seu motivo sociológico) é potencializada por uma experiência pessoal do escritor: uma viagem a Davos para visitar a esposa, que esteve internada ali para tratamento de uma infecção pulmonar. Assim, se o escritor tinha como princípio formador de suas obras "(...) transformar as questões abstratas em experiências estéticas para o leitor"<sup>25</sup>, vivências afetivas assim permitiam-lhe transfigurar preocupações íntimas em "algo especial a dizer"<sup>26</sup>.

Esse desafio do ajustamento à existência e o medo da perda de pessoas queridas é enfrentado por qualquer ser humano, independentemente da situação na qual calhou ter nascido, na roda-viva inicial de se estar no mundo. Thomas Mann decidiu construir um personagem que reluta em assumir uma das possíveis posições abertas a alguém em sua situação. E esta é marcada por uma bifurcação. Por um lado, Castorp tem a referência do avô paterno, homem conservador, "travão" com traços nobiliárquicos, angustiado e avesso às tendências dos homens que encarnavam as novas forças sociais e técnicas transformadoras. "Ligara ele [o avô] maior importância às tradições ancestrais e às instituições antigas do que às arriscadas ampliações do porto e outros arremedos ímpios de cidades grandes"<sup>27</sup>. Por outro lado, era justamente esse o caminho que o neto anunciava percorrer, semelhante ao de um ianque em plagas germânicas. Todavia, ele titubeia e posterga a escolha. O herói está em formação, sem se expressar ainda como a "mais elevada aparição da vontade".<sup>28</sup>

No seio do clã Castorp, o jovem Hans vai assumindo as feições e a posição de um burguês, "homem do meio", situado entre as classes populares e seu berço aristocrático<sup>29</sup>. Mas essa ambiguidade sociológica do burguês, vertida num personagem de ficção, sofre também uma refração decorrente da maneira como Mann orientava sua atividade como escritor. Ele desconfiava da adesão e consagração incondicionais à ética do trabalho<sup>30</sup>, que torna o ser humano uma espécie de Sísifo. Para Mann,

<sup>25</sup> RODRIGUES, 2008, p. 10; 20.

<sup>26</sup> ADORNO, 2003, p. 56.

<sup>27</sup> MANN, 1980, p. 33.

<sup>28</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 102.

<sup>29</sup> DAYAN-HERZBRUN, 1997.

<sup>30</sup> RODRIGUES, 2008, p. 26.

“o artista não é originalmente um ser moral, mas um ser estético, que seu impulso fundamental é um jogo e não uma virtude, que ele se permite, com toda ingenuidade, brincar dialeticamente com a colocação das questões e as antinomias da moral”<sup>31</sup>. Vale a pena uma dedicação incondicional ao labor? Mais do que isso: é possível sustentar um sentido unívoco e ser um fiel bem assentado com placidez nessa religião do capital?

De que artifícios literários o autor se vale na figuração de tais incertezas? Mann constrói um contraponto: a solidez das expectativas sociais, vívidas graças à tradição que Hans Castorp tinha a seu favor, como sucessor do avô, expressas no burburinho público acerca do “papel oficial” do jovem, vis-à-vis ao torpor do personagem, sua *tibiez*. Ainda no início da obra, Hans Castorp não tem voz própria. É falado pelo narrador e este apresenta as dúvidas do jovem inscritas em seu próprio corpo. O bigodinho num rosto sonolento anuncia uma vida adulta, mas sem grande convicção. E em seus olhos azuis não era possível ler resposta alguma sobre as indagações feitas no trecho transcrito. O narrador não é onisciente, mas arrisca-se a dizer que não parece provável que Hans Castorp formulasse essas respostas. No limite, era “uma folha em branco”.

Mas o que poderia ser uma folha em branco? Por certo, Hans Castorp obteve uma interessante instrução acadêmica, que lhe abriria oportunidades de trabalho, em sintonia com as grandes forças econômicas e técnicas que eram a ponta de lança do futuro das nações, dos mercados nacionais e internacionais. Castorp, além da língua materna (alemão), fala francês. É protestante. Ou seja, não parece ser exatamente alguém sem qualidade alguma. Em uma linguagem mais sociológica, ele detém capitais simbólicos interessantes, que, de fato, lhe permitiriam continuar a saga da família ou mesmo se enveredar pelas sendas da economia capitalista, como um burguês. Mas ele não o faz. Falta-lhe algum atributo do espírito, a vitalidade presente no seio de sua família, porém em estado decadente após a sequência de mortes referida há pouco, sobretudo da mãe e do avô, os personagens mais vigorosos. Quem sabe Hans Castorp represente o “enfraquecimento vital” de uma família burguesa, que está incrustado em outro livro, “Os Buddenbrooks”, segundo Carpeaux.<sup>32</sup> Nas primícias do romance, o leitor se depara com esse trecho:

Essa contradição na sua atitude perante o trabalho deveria, a bem dizer, ser resolvida. Talvez assim é que o seu corpo tanto como o seu espírito – em

<sup>31</sup> MANN, Thomas. *Ensaaios*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 29.

<sup>32</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. v. IV. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 2295.

primeiro lugar o espírito e sob a sua influência também o corpo – se teriam dedicado ao trabalho com maior prazer e intensidade, se Hans Castorp, no âmago da sua alma, naquelas profundezas que ele mesmo ignorava, tivesse sido capaz de crer no trabalho como valor absoluto e princípio que se justificasse a si próprio, e de achar sossego nesse pensamento<sup>33</sup>.

Castorp não personifica o “espírito do capitalismo”. Norbert Elias, em seu livro sobre os alemães, afirma que tripulações de navios mercantes e mercadores eram considerados pessoas de segunda classe, na Alemanha<sup>34</sup>. Novamente, é preciso trazer ao argumento outra informação externa ao romance, indicadora das circunstâncias alemãs de então, das quais Mann certamente tinha ciência, a ponto de decidir transfigurá-las em tema literário<sup>35</sup>. Em palestra proferida já no fim de sua vida, o sociólogo Max Weber demonstrou sua preocupação com os diletantes que ingressavam, com relativo sucesso, no campo político, introduzindo parâmetros diversos daqueles defendidos e encarnados pelos mais conservadores, defensores de tradições que pudessem orientar as grandes e pequenas escolhas, com segurança e sobriedade<sup>36</sup>, como o avô de Castorp. Dupla ameaça, aliás. De um lado, as grandes forças do mercado, representadas pelos ianques norte-americanos, capazes de “romper desconsideradamente com aquilo que uma veneranda história nos transmitiu”<sup>37</sup>, cujos interesses econômicos seriam mais e mais decisivos nas disputas envolvendo a ocupação de cargos do Estado. De outro, os bolcheviques e os possíveis desdobramentos de sua revolução. E se assumirmos, com Weber, que o homem político deve ter três qualidades cruciais (paixão, sentimento de responsabilidade e senso de proporção<sup>38</sup>), Hans Castorp, nesse momento, não as tinha.

Mapeamos aqui, a pouco e pouco, a concepção que Thomas Mann tinha acerca das linhas de força que presidem o que é formar um ser humano. Para tanto, o cotejamento entre o romance e outro texto do autor, intitulado “Schopenhauer”<sup>39</sup>, oferece pistas dignas de nota sobre as ideias que o autor desenvolvia, ora em forma de ensaios, ora no registro ficcional. O artigo foi escrito entre 1937 e 1938<sup>40</sup>. Primeiramente, vale a

<sup>33</sup> MANN, 1980, p. 44.

<sup>34</sup> ELIAS, 1997.

<sup>35</sup> Soethe afirma que a família Mann sempre esteve a par dos grandes temas da sociedade alemã, com grande repercussão pública. Cf. SOETHE, Paulo Astor. “Posfácio a várias mãos”. In: MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 833-4.

<sup>36</sup> WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 62; 67.

<sup>37</sup> MANN, 1980, p. 46.

<sup>38</sup> WEBER, 1999, p. 106.

<sup>39</sup> MANN, Thomas. *Schopenhauer, Nietzsche, Freud*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

<sup>40</sup> A data de escrita e publicação do ensaio é posterior à criação de “A montanha mágica”. Contudo, Rodrigues (2008, p. 13) cita uma carta em que Mann afirma a importância da leitura de Schopenhauer na concepção e na escrita de seu romance. O ensaio é prova, portanto, da importância que Mann via nesse filósofo, em suas questões, cujo interesse se estendia ao longo

transcrição do seguinte excerto:

Esta é uma natureza plena cheia de tensões, uma natureza emocional, que oscila entre contrastes violentos, entre o instinto e o espírito, entre a paixão e a redenção; em suma, é uma natureza artístico-dinâmica, que não pode se revelar, a não ser como *criação da verdade*. E essa criação da verdade é algo pessoal, algo que convence pela força de seu caráter vivido e sofrido<sup>41</sup>.

A formação decorre de um tipo de pedagogia enraizada numa determinada concepção da natureza humana, desdobrando-se na criação da verdade e não em sua descoberta ou iluminação. Uma verdade pessoal que, em momento algum, é ponto de chegada de um exercício meramente abstrato do intelecto. Há distância do método cartesiano, ainda que o autoconhecimento seja parte fundamental da constituição do ser e de sua personalidade. Não é abstrato porque Thomas Mann partilha, com Schopenhauer, o interesse por uma filosofia das emoções e, por conseguinte, uma filosofia que tem o corpo como lócus do ser. O corpo existindo no mundo, vivendo e sofrendo, crivado de emoções<sup>42</sup>. Eis um dos artifícios usados pelo autor na construção de sua obra como *mimesis* do estar no mundo: todas as ideias às quais Hans Castorp será exposto (que serão aceitas, refletidas, negadas ou reelaboradas) estarão ancoradas em situações que instigarão emoções corporais. O pensado, o vivido e o sofrido são elementos decisivos na formação de seu caráter. (Sobre esse aspecto, o trecho paradigmático é “Neve”, ao menos com mais intensidade, os impasses espirituais recrudescidos pelo corpo perdido na tempestade, ambos em retroalimentação.) O próprio sofrimento e a proximidade das mazelas dos outros personagens que o circundam expressam a postura de Thomas Mann quanto ao problema em pauta. Não à toa, em uma passagem do romance, um dos médicos da instituição, Dr. Behrens, repreende o jovem Castorp com veemência, no momento em que ele vai inquiri-lo quanto à gravidade da doença do primo:

O senhor sempre quer que tudo seja inofensivo, Castorp. É essa a sua índole. Às vezes não se mostra avesso ao contato com coisas nada inofensivas, mas então as trata como se fossem perfeitamente inocentes, e com isso pensa agradar a Deus e aos homens. O senhor é uma espécie de

---

do tempo.

<sup>41</sup> No original: Ésta es una naturaleza llena de tensiones, una naturaleza emocional, que oscila entre contrastes violentos, entre el instinto y el espíritu, entre la pasión y la redención; es, en suma, una naturaleza artístico-dinámica, que no puede revelarse más que como *creación de la verdad*. Y esa creación de la verdad es algo personal, algo que convence por la fuerza de su carácter vivido y sufrido (MANN, 2008, p. 20).

<sup>42</sup> “Os valores morais e culturais (espirituais) expressos por Castorp parecem impor-se nas impressões que o narrador lhe atribui, mas sua corporeidade (a vida) é que avança para o primeiro plano, por via estética, sensorial” (SOETHE, 2017, p. 840).

covarde e de hipócrita (...)<sup>43</sup>

Covarde e hipócrita. Consideramos a hipótese de que Hans foi ao sanatório para encontrar o primo Joaquim, mas também por suas inseguranças (ou falta de vontade) quanto a assumir um dos caminhos que lhe estavam prefigurados em função de sua posição na sociedade. Ele reluta. Ao fazê-lo, encontra-se aí também um dos elementos de uma estética manniana e que aparece em sua leitura de Schopenhauer. Uma leitura de “A Montanha Mágica” pode dar guarida ao argumento de que a formação não decorre de uma vontade consciente (não só), ao modo de um projeto concebido em todos os seus detalhes, mas sim em função dos lances da fortuna que irrompem na existência de cada um, de quando em quando. “A arte – em relação à vida – é sempre um ‘apesar de tudo’; a criação de formas é a mais profunda confirmação que se pode pensar da existência da dissonância”<sup>44</sup>. Assim, a formação deve contemplar a abertura do indivíduo à aquisição de novos atributos, materiais e espirituais, ou à reelaboração dos já adquiridos, ante as exigências da vida.

Tais reviravoltas são fundamentais. Elas quebram os hábitos arraigados pela adaptação desenvolvida em resposta à satisfação das necessidades inerentes à existência. Se estas, por um lado, são uma lei férrea da vida, por outro, a formação é função das respostas que os seres humanos devem oferecer quando estão desconcertados, expostos a situações que desafiam os sentidos, que são estimulados e modelados de acordo com a lida costumeira. Desse sofrimento, tem-se “uma finalidade pedagógica: a de conduzir o espírito humano a alturas cada vez maiores”. E se essa metáfora das alturas for uma leitura de Schopenhauer à luz da metáfora da montanha? Se a montanha for, em parte, uma transfiguração literária das teses do filósofo? Tal leitura permitiu a Mann construir, filosoficamente, os fundamentos que deram forma a seu romance. A seguir, há o trecho aqui referido:

Este encontra sempre seu prazer e seu sofrimento ao por de ponta-cabeça o sano entendimento humano; ao inverter a verdade popular; ao fazer com que a Terra gire em torno do sol, de modo que, para todo sentir normal, ocorre o contrário; a desconcertar; a arrebatá-los e amargurá-los, propondo-lhes verdades que se opõem diretamente ao hábito de seus sentidos. Mas isto tem uma finalidade pedagógica: a de conduzir o espírito humano a alturas cada vez maiores, de fazê-lo capaz de novas façanhas<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> MANN, 1980, p. 588.

<sup>44</sup> LUKÁCS, 2000, p. 72.

<sup>45</sup> No original: Éste há encontrado siempre su placer y su sufrimiento en poner cabeza abajo el sano entendimiento humano; en invertir la verdad popular; en hacer que la tierra gire en torno ao sol, siendo así que, para todo sentir normal, ocurre lo contrario; en desconcertar a los hombres, en embelesarlos y amargalos, proponiéndoles verdades que se oponen derechamente

Se a formação depende da ruptura de hábitos, se ela não é apenas um exercício abstrato da razão, mas função do corpo, com suas emoções e sofrimentos, então deve, obrigatoriamente, enfrentar o tema da morte. Esta é a leitura que Carpeaux faz também de Mann: sua obra nasce da relação entre arte, doença e morte<sup>46</sup>. Ou melhor, não apenas a morte em si, mas a condição dos seres humanos que estão no limiar entre a existência e o desaparecimento: os moribundos. No início da história, o narrador do romance alerta o leitor: as mortes do pai e do avô paterno de Hans Castorp (e da mãe) ficarão sedimentadas em seu recôndito, deixando marcas nos sentidos do garoto<sup>47</sup>. Sendo assim, um novo trecho da filosofia proposta por Schopenhauer merece ser apresentado:

A morte não é mais que a supressão de um erro, um extravio, pois toda individuação é um extravio. A morte não é mais que o desaparecimento de uma ilusória parede divisória que separa o eu, no qual o si se encontra encerrado, do resto do mundo. Crê-se que, morrendo, esse mundo restante continuará a existir. E crê-se que o si – pensamento horrível – já não será. Mas eu lhe digo: este mundo, que é sua representação, já não será; ao contrário, o si, quer dizer, justo aquele que teme a morte, que não a quer, porque é a vontade de viver, o si perdurará, viverá, pois a vontade, pela qual se é, saberá encontrar sempre a porta que leva à vida. A ela pertence, com efeito, a eternidade plena. E com a vida, que conhece a eternidade como tempo, e que, na verdade, é presença constante, também restitui a si o tempo<sup>48</sup>.

“Toda individuação é um extravio”. A formação depende das viagens, da perda do caminho, ao menos daquele que se percorre costumeiramente. A formação é função de um desenraizamento geográfico e “existencial”. Em outro texto sobre Nietzsche, Mann regressa à ideia de extravio. “A palavra ‘extraviar-se’, que se converteu em um juízo moral e designa aquela situação em que, na alta montanha, não é

---

al hábito de sus sentidos. Pero esto tiene una finalidad pedagógica: la de conducir el espíritu humano a alturas cada vez mayores, la de hacerlo capaz de nuevas hazañas (MANN, 1980, p. 23).

<sup>46</sup> CARPEAUX, 2008, p. 2295.

<sup>47</sup> MANN, 1980, p. 36.

<sup>48</sup> No original: La muerte no es más que la supresión de un yerro, de un extravio, pues toda individución es un extravio. La muerte no es más que la desaparición de una ilusoria pared divisoria que separa el yo, en el cual tú te encuentras encerrado, del resto del mundo. Tú crees que, si mueres, ese mundo restante continuará existiendo. Y crees que tú – pensamiento horrible - ya no serás. Pero yo te digo: este mundo, que es tu representación, no será ya; tú, en cambio, es decir, justo aquello en ti que teme a la muerte, que no quiere la muerte, porque es la voluntad de vivir, tú perdurarás, tu vivirás, pues la voluntad, por la que tú eres, sabrá encontrar siempre la puerta que lleva a la vida. A ella le pertenece, en efecto, la entera eternidad. Y con la vida, que conoce la eternidad como tiempo, siendo así que en verdad es presencia constante, también se te devuelve el tiempo (MANN, 2008, p. 46-7).

possível nem seguir adiante nem voltar atrás, e o escalador está perdido”.<sup>49</sup> Quando recebe sua primeira fotografia do tórax, Castorp aprendeu (e sentiu) que estava destinado a morrer<sup>50</sup>, um vivente sujeito às leis da vida, inapelavelmente.

A ida de Castorp à Suíça é um extravio. Na chegada ao Berghof, o jovem ouve, pela primeira vez, uma tosse “desveladora” do lamaçal interior de um corpo moribundo. Pela fina brecha entre uma porta e seu batente, divisa o olhar de alguém aprisionado em um corpo em vias de morrer. Por aquela fina fresta, tem um vislumbre da dor como “experiência limítrofe entre a vida (...) e a morte”<sup>51</sup>. A fresta é uma metáfora literária desse limbo. Daí em diante, a morte desempenhará papel central no desenvolvimento do personagem. Tipos humanos decisivos cruzarão seus caminhos e com ele travarão conversas, partilharão vivências e desaparecerão. O convívio com alguns será mais longo. Outros, simplesmente surgem na história no exato instante em que a vida já não lhes insufla o corpo, apagando-se como uma vela, e deles nos esquecemos. É da vida. No Olimpo de Mann não há deuses.

Castorp sente atração pela morte. De Settembrini, recebe “lições” sobre como se apegar à vida e não deixar que a morte erga-se como um poder a obstar as experiências neste mundo. Settembrini personifica o *conatus*, instiga o si, em Castorp, sempre a procurar a porta que impele à vida. Saber que cada um irá morrer, mais dia menos dia, não pode suscitar covardia, condição daqueles que estão “perdidos para a vida”.<sup>52</sup> Há um trecho primoroso, emblema do humanismo iluminista de Settembrini:

Digo “sim” ao corpo, honro-o e sinto amor por ele, assim como faço em face da forma, da beleza, da liberdade, da alegria e do gozo, assim como tomo o partido das coisas mundanas, dos interesses da vida contra a aversão sentimentalista do mundo; represento o Classicismo contra o Romantismo. Acho que a minha posição é inequívoca. Mas existe um poder, um princípio ao qual dedico a minha mais fervorosa aprovação, meu supremo respeito e amor, e esse poder, esse princípio é o espírito. Por mais que eu abomine ver como alguns procuram opor ao corpo qualquer fantasmagoria suspeita que chamam de “alma”, não ignoro o princípio mau e diabólico; pois o corpo é a natureza, e a natureza – repito que se trata da sua oposição ao espírito, à razão – é má; mística e má! “O senhor é humanista!” Indiscutivelmente sou humanista, por ser amigo do homem, como o era Prometeu, um enamorado da humanidade e da sua nobreza. Mas essa nobreza acha-se encerrada no espírito e na razão, e por isso seria

<sup>49</sup> No original: La palabra ‘extraviarse’, que se ha convertido en un juicio moral y designa aquella situación en la que, en la alta montaña, no es posible ni seguir adelante ni volver atrás, y el escalador está perdido” (MANN, 2008, p. 92).

<sup>50</sup> MANN, 1980, p. 246.

<sup>51</sup> ARENDT, 2000, p. 60.

<sup>52</sup> MANN, 1980, p. 225.

em vão se o senhor me acusasse de obscurantismo cristão...<sup>53</sup>.

Se Settembrini será um “professor” importante para o jovem, com o tempo, Castorp vai adquirir a coragem necessária para se contrapor a ele na medida em que um dos desdobramentos da postura do humanista será exatamente uma certa frieza (quase uma indiferença, mas não é isso!) diante dos agonizantes, dos pacientes já condenados, ao menos à luz dos conhecimentos médicos de então. Nesse sentido, se a formação depende da força e da coragem para se apegar à vida, sem mistificações (a única vida que se tem), sem esmorecer ante a morte (alheia ou a própria), ela também dependerá da misericórdia. Com o auxílio de um destilado que lhe tira da linha reta da razão, Hans Castorp enfrenta Settembrini pela primeira vez, reconhece-lhe os méritos e sua importância como mentor e amigo, mas ele nada pode lhe ofertar no que diz respeito à compaixão que Castorp deseja sentir e prestar aos moribundos.

Hans Castorp amadurece, transforma-se a olhos vistos. Expressa questionamentos, reflete acerca de si mesmo e isso é um dos temas do romance<sup>54</sup>. Aprende algo de biologia e medicina, desfruta da filosofia provinda do humanismo de Settembrini, mergulha no catolicismo inclinado a um marxismo escatológico do jesuíta Naphta. Apaixona-se. Vê seu primo falecer. Fica diante da forte e magnética personalidade de Peeperkorn, que o desconcerta por ser, igualmente, um rival face ao amor sentido por madame Chauchat. E quando tudo leva a crer que está prestes a regressar à planície (à Alemanha), sem sinal algum de enfermidade, e iniciar sua carreira como engenheiro naval, eis que irrompe, de chofre, a Grande Guerra, cindindo o falso “equilíbrio europeu”<sup>55</sup>.

Um estrondo! O romance está em vias de ser encerrado e seu autor, devolvido à efetiva realidade das coisas, fica absorto quanto a como viver e fazer literatura diante do cataclismo bélico que tragará países e pessoas. O que fazer quanto ao legado alemão, como cultura e civilização? O romance foi escrito ao longo de doze anos, entre 1912 e 1924, com a Grande Guerra encravada em meio ao processo criativo. Uma imensa sombra, um livro não menos pujante!

Abafemos a voz para comunicar que de fato estrondeou aquele trovão, de que todo mundo tem conhecimento, a ensurdecidora detonação da sinistra mistura de tédio e irritação de há muito acumulados; um trovão histórico – seja dito com discreta reverência – que abalou os alicerces da terra, e, para nós, o trovão que fez explodir a montanha mágica e arremessou o nosso dorminhoco brutalmente diante das portas. Estupefato, o jovem se acha

<sup>53</sup> Ibid., p. 279-280.

<sup>54</sup> SOETHE, 2017, p. 837.

<sup>55</sup> CARPEAUX, 2008, p. 2255.

sentado na relva e esfrega os olhos, como faz quem se omitiu, em que pesem numerosas admoestações, de ler os jornais<sup>56</sup>.

Se a intenção de regressar ao lar já estava praticamente consolidada (não sabemos ao certo), as grandes vagas da existência envolvem o jovem no turbilhão da história. Um estrondo e o espaço mítico-histórico solapado! Ao fim, o autor deixa o jovem Castorp, sugerindo que suas chances de sobrevivência seriam mínimas. Deixa-o por vergonha de expô-lo em uma situação tão adversa. Abandona-o, quiçá, por não saber narrar aquele grande golpe da fortuna. A formação é interrompida, como se de tudo não restasse sentido algum. A não ser aquele que uma pessoa é capaz de sustentar contra as agruras da existência no mundo. A montanha mágica, como criação ficcional, explode, com o autor a pensar acerca do dilema de se fazer literatura num momento tão conturbado da história humana: o cultivo do romance contra uma nova forma de conflito bélico que “abria” o século XX, a “era da guerra total”<sup>57</sup>. Como solucionar esse impasse? De chofre, o personagem ressurgue em meio à crise, no campo de batalha<sup>58</sup>. É arrebatado da montanha, que ia se tornando um novo lar. Um lar estranho.

Já em pleno campo de batalha, Castorp, antes interessado na morte e cultivando empatia pelos moribundos, pisa a mão de um morto com indiferença<sup>59</sup>. O narrador chama a atenção do leitor com o uso de um vocativo embebido em espanto: “Vejam só (...)”. Há aí uma transformação. Ao vestir a *persona* do soldado, Castorp sucumbe e se reconcilia com o *habitus* alemão, que vê com suspeição a fraqueza e a tendência a se compadecer, sobretudo dos inimigos. Tal situação não é somente uma exigência para sobreviver à guerra (algo imprescindível, é claro!), mas um ethos arraigado na cultura alemã<sup>60</sup>.

Quem sabe valha, para “A Montanha Mágica”, o argumento de Lukács<sup>61</sup>: “é a epopeia do mundo abandonado por deus”. Abrindo mão de transcendências, o único sentido possível é aquele que se mantém a muito custo, no limiar da evanescência: criar uma possível travessia do amor à morte ao amor pela vida<sup>62</sup>, avançando entre as mais profundas sombras que impelem o mundo para as profundezas do desespero. Num mundo desencantado, o Olimpo é imanente ao mundo e também uma tradição literária com a qual se constrói um diálogo estético e ético.

<sup>56</sup> MANN, 1980, p. 793-794.

<sup>57</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>58</sup> ROSENFELD, 2013, p. 211.

<sup>59</sup> MANN, 1980, p. 800.

<sup>60</sup> ELIAS, 1997.

<sup>61</sup> LUKÁCS, 2000, p. 89.

<sup>62</sup> MANN, 1980, p. 666.

Portanto, sem o ponto de fuga de uma transcendência qualquer, aquela da Grécia antiga ou a cristã, formar-se é tarefa a ser cultivada no dia a dia, verdadeira ascese minuciosa que deve ser erguida contra as forças que ameaçam a individualidade. Outro trecho de Lukács merece ser transcrito:

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. Depois da conquista desse autoconhecimento, o ideal encontrado irradia-se como sentido vital na imanência da vida, mas a discrepância entre ser e dever-ser não é superada, e tampouco poderá sê-lo na esfera em que tal se desenrola, a esfera vital do romance; só é possível alcançar um máximo de aproximação, uma profunda e intensa iluminação do homem pelo sentido de sua vida<sup>63</sup>.

A magia da montanha decorre do fato de ela ser desencantada: ficção. A despeito de toda a jornada, Hans Castorp assume, ao fim do romance, a máscara do soldado. O fardamento que lhe veste o corpo é um signo que aponta não somente para a guerra que, repentinamente, lança todos na roda viva do "destino", mas também o "encerramento" do processo de formação, numa nação onde, segundo Elias, "modelos militares de comando e obediência prevaleceram em vários níveis sobre modelos urbanos de negociação e persuasão". Ecoa aqui o título de outro romance de formação, "Servidão Humana", de Maugham, no qual o personagem principal desiste de seus anseios de viagens pelo mundo para se ajustar a uma vida como médico, em vias de constituir família. A formação e sua representação literária estão sujeitos, sempre, aos constrangimentos de natureza social.

Se o próprio Mann definiu suas obras como "psicologia das formas de existência irreais e ilusórias" (e Rosenfeld afirma que é o caso dos residentes do sanatório Berghof<sup>64</sup>), talvez isso não seja totalmente verdade para esse espaço ficcional situado nos alpes suíços, as montanhas sucedendo-se, onduladas, como representação da eternidade, do infinito. É claro que não é usual alguém ter condições de permanecer tanto tempo internado, respaldado em uma herança que lhe permitia o luxo de não trabalhar. Entretanto, a onipresença da morte exigirá dele, Castorp, reflexões sobre a finitude da existência e seus possíveis sentidos. Enviesado, o real está ali, em todo o romance. O jovem encontrará e travará relações com personagens muito diversos. Múltiplos serão os diálogos, os sentimentos e as ideias, contemporâneas ou originárias de

<sup>63</sup> LUKÁCS, 2000, p. 82.

<sup>64</sup> ROSENFELD, 2013, p. 203.

momentos históricos outros. A montanha é um microcosmo com uma temporalidade preme de tempos históricos distintos: coexistentes, sobrepostos, vividos. A montanha talvez já seja uma metáfora da tensão entre a consciência mítica e a moderna, que seria um dos temas centrais de suas obras tardias, de acordo com Rosenfeld<sup>65</sup>. Nessa tessitura entre Grécia antiga, filosofia e literatura, nesse sanatório em que o tempo vivido estranhamente se alonga e evanesce, Hans Castorp fica ante várias perspectivas: catolicismo, protestantismo, humanismo; filosofia e ciências; razão, emoção e paixão; vida e morte; guerra e paz.

Ao fim, a técnica bélica silencia Castorp e rompe a linha narrativa e a formação. Golpe do destino que dissipa mito e história, internalizado na trama romanesca. “A montanha mágica” é um monumento contra um grande cataclismo, expressão da persistência de seu autor, que não esmoreceu, mesmo com um conflito de tamanha proporção encravado no seio do tempo da composição da obra, mais longo que o embate militar. “A magia da montanha” é a plasticidade do romance, uma possível resposta de um literato ao início sombrio do século XX, na Alemanha.

**Francisco Jose Ramires** é formado em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutor pela mesma universidade. Ministra aulas de sociologia em São José dos Campos/SP, na UNIP. Contato: xkoramires@gmail.com

---

<sup>65</sup> Ibid., p. 210.